

A Sala Magenta

Mário de Carvalho

I

Dantes, tudo era um peso ancestral de quietação e vagar pelas matas de sobreiral e pinho em redor das águas represadas a que chamam Lagoa Moura, havendo perto umas ruínas que a memória popular não assinala além dos mouros. Então, carregavam-se de silêncio as formas, pasmavam lassos os ramos, pendiam restos de carumas, tombavam as pinhas de velhas, empastavam-se as folhas mortas, deixavam-se as portadas entreabertas. Em chegando a noite, com o rarear dos pássaros, alteavam-se as sombras, delineavam-se os contornos, adensava-se o espaço, vibrava subtilmente o ar e milhentos pequenos rumores emergiam do solo num restolhar de sobrevivência. Na dobra do século, as brisas, mais rijas de ano para ano, entraram a balancear as copas, a revolver os gravetos, a frisar as águas, a desinquietar o silêncio e a fazer a demonstração prática e local de que o clima desvariava.

Por um fim de tarde brando, numa das vivendas dispersas pela floresta, à volta da lagoa, cuja história se contará um dia, um certo realizador de cinema, já entrado nos anos, muito maltratado e contrariado, chamado Gustavo Miguel Dias, acordava

dum golpe de sono e olhava com desânimo para a perna engessada, que pousava sobre uma banquetta de estopa.

Manchas irrequietas, em matizes de verde e cinzento, ramalhavam para lá da janela da sala, toldavam os restos de sol que esmorecera daquele lado e ele sentia-se aquietado, embora não de todo rendido à paz densa da floresta, ao embalo moroso das frondes.

No início de Maio, o lume da lareira, conforto reminiscente do Inverno que não sendo obrigatório ainda não perturbava, era mais um passatempo que uma necessidade. Vago, o olhar de Gustavo desviou-se dos folhedos e descaiu no amparo quente do borralho, onde uma dispersão de brasas, já morrentes, pedia atenção e ar. No estado crepuscular em que a alma errava, indefesa e alheada, uma certa reminiscência voltou a esgueirar-se, sem encontrar resistência, por entre redutos destrocados.

Começava, como quase sempre, pela pequena pistola niquelada, ao abandono na papelreira de cereja, coberta de brilhos esmaecidos e marcas baças de muito uso. A armazita, de leveza enganadora, incisa de volutas escurecidas, irradiando de um punho de pau-rosa, sombreava um bloco de notas em branco e fazia par, familiar e doméstico, com um castiçal de prata sob um coto esquecido, sulcado de riscos. Poderia ser discernida como um requinte decorativo, mas fosse a enfeitar um piano, a refulgir numa estante, ou a deixar-se entrever numa fresta sábia, por entre quinquilharia feminina, pesando numa bolsa de veludo negro, a pistola evocaria sempre o lustro e o cheiro do óleo, o pontilhado pegajoso da pólvora e os efeitos incómodos dum disparo, sua razão de existência. Gustavo só viu a arma

assim pousada uma vez, de relance, mas com uma nitidez extrema, como se lhe tivesse sentido o frio na pele ou o volume no cavo da mão. Mencionou-a em duas ocasiões a Maria Alfreda, no decorrer daqueles entremezes muito longos, em que um resto permanente de insatisfação e uma vontade absurda de completude obrigavam a explicar, esclarecer, a esmiuçar factos e sentimentos, tentando ambos iludir a consciência amarga de que cada palavra abria novos enigmas e novos acessos ao desengano.

Naquela noite já distante, olhou para a escrivaninha por uns segundos, antes de desviar o olhar para ser apresentado a Maria Alfreda. Só um mês ou dois depois, quando percebeu que já não conseguia escapar à lentura dos gestos dela, ao meio sorriso, à voz muito grave, sempre com um tom vagamente interrogativo, é que Gustavo pensou: «Hei-de morrer com um tiro daquela arma.» Nunca mais viu a pistola, mas ela vinha-lhe amiúde à ideia, sempre a preceder a aura melancólica e dorida que costumava ser a lembrança de Maria Alfreda. A premonição, agravante doutros sinais de alarme e tormentos de alma, não deixava de ter o seu quê de ridícula, no que destoava pouco de outras sofridas contingências que perturbam um certo estádio da relação entre homem e mulher. A verdade é que o presságio que antevia o desconforto e a extravagância de ser trespassado por minúsculos projecteis do tamanho de vespas, indignos do estouro que produzem e da morte que invocam, não se veio a confirmar. O ser humano deve abster-se de vez de interferir com o futuro, ainda que, como no caso, um pouco de adivinhação formoseie e engane a triste inépcia humana de apenas conhecer o presente e o passado e, ainda

assim, mal. Relembrando uma fase da sua vida que marcava sempre obstinada presença em alardos da memória, Gustavo quase sentia pena por não se ter cumprido o agouro e por ser agora improvável que se cumprisse. Seria um rasgo de dramatismo, paixão, morte, violência, o sal da vida, tempero da morte, excelente para acabar tudo de vez, ou, noutra perspectiva, para ser recordado até aos dias do esquecimento final.

Uma pinha foi atirada para a lareira e incendiou-se instantaneamente, numa cabeleira de fogo que reverberou por momentos na cara de Marta e reanimou uns destroços de lenha, já dispersa e cansada. Um bafo quente impregnou o ar, as roupas, e causou, na perna mais exposta de Gustavo, uma sensação de brasa que se aproximou da dor. Só quando ele se revolveu no grande cadeirão de estampados, muito descolorado, adequado à ideia que Marta fazia de *shabby chic*, e tossicou significativamente, a irmã deixou a tensão meditada e lhe prestou alguma atenção.

— Peço desculpa, Gustavo Miguel, foi distração. Queres ajuda?

Era capaz de beber qualquer coisa, desde que não fosse de ervas benfazejas. Durante uns instantes, Marta continuou a olhá-lo, muito ausente, a face afogueada pelo brilho do lume, um ferro de lareira clareado de cinzas, lasso na mão. Gustavo renunciou, ao considerar as alternativas à camomila e à erva-de-são-roberto oferecidas naquela casa, onde, mesmo às refeições, se bebia sobretudo água, das várias marcas que Marta comprava aos lotes por não resistir às promoções.

Aproveitara a estada no hospital para recapitular uma abdicção radical do uísque, das bebidas brancas e tentações

sequentes. Dera uma vez por si com esquecimentos, lapsos, verbosidades delirantes que atribuiu ao álcool, e considerou aqueles dias de internamento uma oportunidade de purificação, um ressarcimento do infortúnio, como quando deixara de fumar à conta duma pneumonia. Agora, para ali a pensar, em conchego doméstico, mal sentado ao lado da irmã, que uma vez mais remexia no lume, pensativa, fazia-lhe falta qualquer coisa para ter na mão, de preferência pesada, fria, húmida e redonda. Mais pela tranquilidade e o bem-estar de segurança que esse contacto propiciava do que pelo sabor forte, amarguidoço do álcool, a amaciar-lhe familiarmente o corpo e a índole.

Depois do jantar, a irmã voltaria a instalá-lo no cadeirão, com caneta, papel e um álbum nos joelhos a servir de prancheta, muito empenhada em que ele continuasse o guião do próximo filme, ou o que quer que andasse a fazer. Ela esteve por uns tempos à mesa, às voltas com o computador, num dedilhar de plástico, e veio depois sentar-se-lhe ao lado com uma revista, que daí a pouco abandonava no cesto.

— Ainda não escreveste nada, Gustavo Miguel — disse.

— Como é que sabes?

— Estava a ver-te, mano. Aposto que tens a folha cheia de bonecos.

— Chego a esta idade carregado de sarilhos, como, por exemplo, um assalto, e ainda hei-de prestar contas à mana mais velha? — Amachucou as folhas que tinha nos joelhos, atirou-as ao lume, viu-as incharem-se e entreabrirem-se, toadas de amarelo-vivo, orlado de negro, a crescerem e a explodirem numa esfera de chamas, com um baque redondo. Resmoneou mais umas frases azedas, numa irritação entre dentes, sugerindo que,

em vez das prédicas, era melhor que ela o tornasse a largar onde o encontrara.

Marta tomou uma expressão crispada, nela singular, remexeu na lareira e disse-lhe que preferia que ele, no caso de conseguir, evitasse um discurso tão comezinho. Foi tranquila e firme, e não fez, nem seria capaz de fazer, a menor alusão às circunstâncias que levaram à presença do irmão naquela casa e muito menos lhe ocorreu apelar aos sentimentos de gratidão de Gustavo. Olhando-a agora de esguelha, ele sentia-se já arrependido da brusquidão com que a tinha tratado e de mal consigo próprio por se ter deixado arrepender. Nessa tarde surpreendera restos de conversa ao telemóvel e era inevitável pressentir que o ensimesmado de Marta, a inquietação controlada com que aplanava o braço do sofá ou revolvía as brasas não se deviam apenas às palavras de há pouco. Havia qualquer coisa que a apoquentava e que a moía e, apesar disso, conseguira responder sem extravasar o nervosismo, num tom civilizado e com gestos sofrados, que ele nem merecia.

Tratava Marta de forma brusca e sacudida para disfarçar a humilhação de se ver, com aquela idade e aquele corpo, a ser maternalmente protegido pela irmã, dois anos mais velha. Carregada porventura de problemas, invadida no seu espaço privado, a compostura paciente da mana, o excesso de auto-domínio chegavam a ser exasperantes e a tender para o desdém.

— Queres levantar-te? Eu alcanço-te as canadianas.

Do outro lado da sala, o velho televisor, de som desligado, mostrava um borbulhar de gente colorida que ria, contente com o mundo, e uma cançonetista de cabelo ondulante, às farripas

esverdeadas, suspensa de umas mãos de dedos muito finos, a cobrejar ao alto.

— Não, deixa lá, foi o lume. Estava muito forte. Já passou.

Um telemóvel começou a gaitarolar, com um tema do Triplo Concerto de Beethoven, o sorriso prestável de Marta continuou fixo durante um instante, e depois ela sumiu-se, o assento enrugado do sofá a recuperar forma, relutantemente. Os compassos ainda prosseguiram, até que a voz de Marta, num «estou sim?» assustado, como era habitual, soou lá para trás e a porta da rua estrondeou num abrir e fechar confundidos. Gustavo considerou *kitsch* o toque telefónico com música clássica, porque tinha ouvido dizer isso em qualquer lado, e sobremaneira, num reflexo de mimo antigo, porque a irmã deixara subitamente de lhe prestar atenção.

Ladrou um cão, outro, outros, um ror deles, à medida que a figura de Marta, ao relento, ia despertando e entretendo alaridos longínquos. O olhar de Gustavo variou entre a luz da televisão e o clarão do fogo, que no meio de incandescências vacilantes e pequenas irrupções isoladas já ia admitindo sugestões sombrias. Não tardariam intermitências de aragem, auras frias, a anunciar que o lume precisava de manutenção. Estendeu a mão para o cesto das achas, mas a dor que lhe lacerou o flanco fê-lo gemer e teve de apelar a uma vontade de dentes cerrados para não gritar. Não lhe ocorreu que estava proibido de se contorcer, por obra de um pacto com o corpo que lhe permitia arriscar apenas certos movimentos, como contrapartida da ausência ou mitigação da dor. Isto implicava prevenir e planear cada gesto, como que a pedir autorização ao sofrimento. Quando se distraía como há instantes era

sacudido por uma sensação de corte profundo, acerado, às vezes rematada num frémito de electrocussão.

A perna engessada incomodava-o agora menos que a costela, que tardava a soldar e a acomodar-se. Quanto ao resto, o penso do rosto caíra, sujo mas seco, e amanhã se veria ao espelho, quando fizesse a primeira barba da semana. A mana já tinha passado com as costas da mão por aquela cara inchada e de certeza que não aprovava o aspecto de vagabundo. Quis soerguer-se para alcançar as canadianas, encostadas a uma cadeira, mais além, desta vez com cautela, para não despertar a horda de pequenos torcionários que lhe flagelava o corpo, mas ouviu a porta ranger e fechar-se de novo. Marta regressara, atravessava agora a sala muito devagar e encostava-se, de pé, à mísula da lareira. Fechou o telemóvel entre as palmas da mão e pôs-o no rebordo junto a figurinhas de bronze, almofarizes, um gongo e um sorridente Krishna.

— Era o teu sobrinho. Diz que esta semana afinal não vem. Separou-se da namorada, sabes?

— Há mais Marias na Terra.

Já estava Gustavo repeso da vulgaridade da observação, e ainda ela continuava a fitá-lo, um olhar ao mesmo tempo acolhedor e descomprometido, muito composto, quase de cerimónia.

— Gustavo Miguel, importas-te que não te faça companhia por um bocado? Depois venho buscar-te para te deitar, está bem?

— Mana, insisto, não quero que te preocupes comigo, faz de conta que eu não existo. Sou capaz de me deitar sozinho.

— Aqueles cães fazem tanto barulho. Sentem as pessoas. O Farhid ainda deve estar aberto... — Reforçou o sorriso, num

ricto súbito, muito vincado, debruçou-se sobre o cesto e atirou uma acha para a fogueira.

— Outra! — pediu Gustavo, e ela atirou outra acha, antes de o deixar sozinho.

Daí a pouco, Gustavo enfadava-se na sala, o olhar cansado das ondulações monótonas do lume, do brilho aturdido da televisão, da marinha meio obscurecida da bisavó, emoldurada em purpurina já muito encardida, representando, em pinceladas ásperas de preto, branco, vermelho, numa claridade de praia, a verticalidade de figuras contemplando um mar carregado, esmeraldino-negro, em que corriam velas. Marta tinha-se fechado no quarto, porventura para «chorar um bocadinho», como ela própria costumava dizer, por causa das atribulações do jovem Cláudio. Sentar-se-ia agora na arca, ao lado da cama, a cabeça apoiada nos dois punhos, a olhar no escuro e o sal das lágrimas a aflorar-lhe à boca. Num assomo de afeição pela irmã mais velha, Gustavo franziu a cara entumecida, traçada de golpes, e considerou-se a si próprio um cínico egoísta viciado em exhibições de insensibilidade. A delicadeza protectora e serena de Marta causava-lhe uma instantânea vontade de rejeição, com palavras de repulsa, passes de ironia, até cair em si e sentir-se, uma vez mais, miserável e desbragado. Não sabia em nome de quê e porque persistia, com aquela idade, a julgar pelas aparências, a descontrolar os gestos, a falar de mais, a querer tirar efeitos inúteis de uma pose matadora. A irmã parecia estar sempre a pedir desculpa por excessos e mal-entendidos, mas eles reduziam-se, quando muito, a um movimento mais brusco, a uma impropriedade de vocábulo, a uma leve desatenção. Marta tinha sido professora de Química na universidade, era

doutorada, toda a vida lidara com conceitos complexos de que Gustavo nem sequer suspeitava, e ali estava ele a minimizar e a chasquear, num alarde de superioridade despropositado e tolo. Nunca a tinha procurado para lhe deixar uma palavra amiga, ou apenas para se mostrar, lembrar que existia, deixar-se ver, sugerir uma cumplicidade, mesmo vaga e descomprometida, ouvi-la. A separação e o divórcio de Marta haviam sido dolorosos, assustadores, um estrondo no escuro, um jardim que gela, um mar sem terra... Agora, mais uma carga de apoquentações provocadas pelo filho... E ele ali, a permitir-se observações de galaroz. Afinal a sabedoria mínima, obrigatória em certa idade, está em ser capaz de suspeitar o sofrimento do outro, tolerar-lhe os gáudios, partilhar-lhe os desaires.

Este súbito desalento moral, de desconsolada autocontemplação, veio agravar em Gustavo o desconforto físico e torná-lo notório e ainda mais lastimoso. Sentia as costas maceradas pelo roçar do tecido grosso da almofada, a imobilidade da perna estendida começou a tornar-se mais pesada e incómoda.

Apoiou-se no braço do cadeirão e conseguiu, lentamente, fazer deslizar a perna engessada de cima da banqueta. Após tentativas desajeitadas recuperou uma canadiana e arrastou-se até à janela, ajudando-se da grande mesa preta em que a mana tinha disposto candelabros de estanho com velas vermelhas, um pesado globo terrestre de mármore e o computador portátil, ligado, com uma alternância explosiva de papoilas no *screensaver*. Ao toque, desapareceram as papoilas numa fusão de cores e surgiram as figuras de cartas de jogar arrumadas numa paciência Spider. Era um pequeno segredo da irmã, que

provavelmente não os tinha grandes, um pecadilho um tanto ingénuo, deixando-o supor que se ocupava do último teorema de Fermat ou da matéria negra do Universo.

A sala, enorme, estava atravancada de móveis e de objectos que, se lhe davam apoio no percurso, também o tornavam complicado e sinuoso. Tinha de medir bem o balanço para não fazer despenhar nenhum dos milhentos bibelôs que ornavam a estante e que sempre caíam quando Marta tirava um livro para o endireitar, depois de Ermelinda o ter deixado às avessas durante um espanejamento geral. Toda a vida de Marta estava ali documentada, num expositório de minúsculos objectos: os namoros, as prendas, as viagens, as amizades, os gostos. Num ressalto, um caixilho de vidro roxo com o retrato dos pais, ambos sorrindo, de caras encostadas, ele de óculos de aro fino e laço, ela de cabelo entufado, sob um chapéu bizarro que parecia um bivaque da tropa. Nunca se deram bem: o pai estava sempre a sair de casa e a voltar, de malas na mão, cabisbaixo; a mãe a deixar no ar comentários oblíquos e insinuações sobre ele, mas Marta tinha querido preservar aquela falsa promessa de casal com futuro. Havia uma prateleira só com caixinhas de música, de manivela e palhetas, pouco maiores que caixas de fósforos, compradas pelo ex-marido de Marta, Bernardo, por essa Europa fora. Marta tinha-as feito tocar sobre a mesa ao almoço e insistira numa em particular, com um sorriso cúmplice e uma expressão faceira:

— *A Internacional*, mana? Aonde isso já vai...

Lá fora, a luz do alpendre, polvilhando uma ténue neblina, acentuava, num troço areento de caminho, as rugosidades dum sobreiro e desencantava as formas, antes discretas, duma

romãzeira em crescimento. Muito abafado, através da vidraça, chegava o matraqueio das pás dum pequeno moinho decorativo de jardim. Além do redondel difuso de luz, suspendiam-se as formas negras da floresta, num apelo nefasto.

Gustavo sentia, contraditoriamente, uma grande vontade de regressar ao conchego do borralho e uma quase impossibilidade de desfitar os olhos da negrura. Amanhã tudo aquilo seria um resplendor de verdes e castanhos muito vivos, num atropelo de tonalidades e formas, com saltaricos dispersos e prazenteiros de cor, mas agora era um brumoso enigma, a prometer o nada, mas nem por isso menos sedutor.

Aprendera a tomar uma atenção obsessiva à noite, poucos dias antes, no parque de estacionamento duma estação de serviço, ao Lumiar. Quando saiu do automóvel, não deu importância às sombras que se deslocavam, nem registou o ranger de passos, nem os corpos furtivos que roçavam pela chapa dos carros estacionados, nem o vulto que lhe apareceu à frente, a perguntar as horas, de tal maneira enervado e confuso que o fez repetir a pergunta. Ia responder com ingenuidade, quando sentiu que o agarravam pelas costas e viu, na sua frente, um desvario de caras, numa montagem sincopada e caótica. «Calma», dizia-lhe uma voz ao ouvido, enquanto Gustavo se debatia com o medo, «calma», e o moço que estava na frente dele sacou duma estúpida faca de cozinha e balanceou-a na mão, aos tremeliques de um lado para o outro. Houve dança e contradança de pés e pernas envolvidos, foi atirado contra o capô de um carro, viu a luz da iluminação pública por cima a descer-lhe violentamente para a cara e gritou. Depois outro baque, um brilho largo em forma de arco, e a percepção vaga de agitação e atropelo

com aquele estúpido pedido, «calma», «calma», a ressoar-lhe ainda no cérebro.

Do hospital guardava a memória duma voz feminina aguda, que lhe dava ordens escandidas com um carinho autoritário, e do escarcéu brutal de todas as mudanças de turno, em que o pessoal irrompia pelos corredores aos berros, com pancadas nas portas e chinfrim de latas batidas, como se fossem agredir os doentes, a ideia mais próxima que fazia da invasão dos bárbaros. Tinham-lhe roubado o telemóvel, indicara a um funcionário sonolento o endereço da pensão e o telefone já desactivado dos pais, o único de que se lembrava de cor.

Às tantas, apresentou-se um polícia, muito novo e rosado, vestindo uma *T-shirt* impregnada de *slogans* americanos, a inquirir com expressões especiosas, como «ofensor corporal» e «objecto cortante/perfurante», se o queixoso era capaz de reconhecer algum dos indivíduos. Mostrou-lhe fotografias num álbum com folhas de plástico que dificilmente se despegavam umas das outras e foi paciente, atencioso, embora não parecesse acreditar que a diligência viesse a dar resultados exteriores à burocracia.

Meio debruçado na cama do hospital, inclinado para o lado do polícia, que aproximava a cabeça em resguardo dos olhares e dos ouvidos ávidos dos companheiros de quarto, Gustavo sofreu um dos seus acessos de gaguez arrasadores. Como sempre acontecia, não conseguiu identificar a razão que o levava a gaguejar aos baldões, sem controlo: o agente era prestável e simpático, o ambiente estava serenado, a «ocorrência» dera-se na outra semana, os estores das janelas ressumavam uma claridade suave... As oclusões, inesperadas e brutais, vieram

desarrumar-lhe a fala, desequilibrar-lhe os tons e encavalgar-lhe as palavras incompletas, numa sarabanda de sons ásperos e falsetes que lhe deixaram, no final, um sentimento de derrota exangue e de vergonha irremissível.

Aquela gaguez, sem motivos nem padrões, subjazia sempre ao que dizia, mesmo que ele aparentasse uma leveza veleidra, suspensa dum mecanismo subtil, fabricado com os anos, que antevia as dificuldades, encontrava perífrases, palavras de substituição, nem sempre as mais apropriadas, e evitava as oclusivas ou os hiatos mais arriscados.

Aprendera a simular sofrivelmente a impassibilidade e a esconder o tumulto que, nessas ocasiões, lhe fervia por dentro. Havia em tudo isto uma estranha duplicidade entre a percepção que tinha dos seus movimentos faciais e aquilo que os hábitos de controlo faziam deles: sentia os olhos esbugalhados, mas não estavam esbugalhados, o sorriso lasso e ondulante, mas estava quase tranquilo e estável, a pele a avermelhar-se, mas não havia alterações à vista.

Os espasmos de gaguez combinavam-se com um entrechoque remoto de gestos e contorções que se debatiam em qualquer lado, num refego escondido, para além duma passagem sombria, como naqueles sonhos em que se nada num lago pastoso e se cede à angústia da impotência. O pensamento corria para um lado, as palavras para o outro, a articulação das falas para um terceiro, e ele sentia-se alarmado e mísero.

No momento em que já não podia suportar as conversas dos companheiros de quarto sobre modelos de automóveis e futebol, foi-lhe finalmente concedida a alforria médica, com uma perna engessada, um par de canadianas emprestadas, o

peito apertado em ligaduras, o corpo moído, a voz entarmelada dos remédios e a boca ainda aberta de espanto pelo grotesco daquilo tudo, como se o tivessem violentamente empurrado para um mundo de castelos-fantasma, poço da morte, circo pobre.

Deu-se mal, no regresso à Residencial Antonieta, e passou a poder falar com conhecimento de causa sobre as inacessibilidades dos edifícios quando teve de subir os três degraus e empurrar os batentes de vidro. O recepcionista mostrou-lhe o sorriso abstracto e profissional de todas as horas, mas não tentou o menor gesto de ajuda.

«Mano! Mas o que é que lhe aconteceu? Valha-me Deus!» Ele estava encostado a uma porta, na esquina da Rua da Prata, a ofegar, vestido às três pancadas, decerto com um aspecto lastimável. Vinha de volta à Residencial Antonieta depois de passar, inutilmente, pelo banco que lhe penhorara o carro, por outro banco onde ainda restava uma conta de setenta e poucos euros e pela Farmácia Azevedos. Aqueles cem metros entre o banco e a farmácia foram uma travessia do Sara, uma escalada do Monte Branco, um tropeço na selva, um poço de serpentes. Era aflitivo, doloroso, arrastar um metro e oitenta de corpo com a sensação de que todos estavam a observá-lo, e o receio de que o tomassem por um mendigo, que praticassem caridade nele, ou tivessem assomos de repulsa. E agora a irmã, com aquele jeito de Katharine Hepburn, numa elegância discreta de tons *dégradés*, *tailleur* caro, bege, a olhá-lo bem nos olhos, a tocar-lhe, atónita, na barba crescida, nas compressas encardidas:

«Mano!»

«Tratas-me por você agora? E deste em católica?»

Nunca apurou se o encontro foi casual, ou se houve espera, depois de alguém avisar Marta de que o vira naquele estado. Marta sempre desviou a conversa quando ele tentava abordar o assunto e Gustavo acabou por desistir dos cálculos sobre o tempo que mediara entre a saída na estação do Metro do Rossio e os outros passos do percurso, até à Rua da Prata.

«A Marília?», perguntou ela, num tom de censura.

«Ora, a Marília!»

Marta resolveu tudo com a firmeza e a energia que só lhe davam, pelos vistos, nas grandes ocasiões e que levavam tudo adiante. Qual pensão! Ia recompor-se para casa dela, para a Lagoa Moura. Tinha avisado Marília? O facto de estarem separados não queria dizer que... Ah, roubaram o telemóvel?

«Ai, mano, mano!, ainda não crescestes tudo, Gustavo Miguel.»

E aí a tinha, num rodopio de telefonemas, médico particular, contactos, discussão azeda com a dona da pensão, a rebuscar-lhe no guarda-fatos, a fazer-lhe a mala, e a ordenar-lhe com cara dura:

«Levam-se só os discos. Deixa ficar a aparelhagem. Onde é que compraste isso? No Martim Moniz? Imagina! As folhas do guião? Qual guião?»

Estendido no carro da irmã, relaxou, ouviu música, *O Welche Lust!*, viu sombras de folhedos a rolar pelo vidro do carro, sentiu-as nas pálpebras como um afago e adormeceu. Depois foram dias daquela mesmice, até que as canadianas ficaram mais leves, o pé doente já lhe chegava ao chão e havia instantes em que se esquecia das dores.

— Levantaste-te, porque é que não chamaste?

— Tenho de fazer algum exercício.

— Queres que te leve à lagoa, amanhã?

Ah, depois se veria, quando estivesse mais apresentável. Marta estendeu-lhe um copo e a embalagem do antibiótico, «à cautela»...

O latido de um cão foi galgando pela noite em surtos agudos, cada vez mais acima, e o coro dos cães de novo se instalou. Numa linha direita, ao correr da vedação que limitava o caminho, uma orla de luz deslizou muito ao fundo, como uma emanção da paisagem, num lume a desenrolar-se. Depois, o resfôlego suave dum carro, o rechino de areias debaixo dos pneus e, súbito, o brilho encadeante dos dois faróis a dar em cheio.

— É o vizinho, o marinheiro — disse Marta. — Não fiques aí especado.

Mas custava-lhe ainda mover-se.

— Uma amiga minha, uma vez, disse-me que o corpo era para gastar. Que é que tu achas, mana?

— Despautério!

Marta acompanhou Gustavo até ao quarto, assegurou-se do copo de água à cabeceira, dobrou um cobertor numa cadeira, «para que ficasse mais à mão», e tirou o pijama de sob a almofada, disposta a vestir-lho, como se fosse um miúdo. Desta vez não consentiu que a irmã o deitasse e poupou-lhe o embaraço de ter de voltar a cara num torvelinho de desajeito, as calças a meia perna, enrodilhadas no gesso, o corpo a resvalar sem apoios e Marta dobrada sobre ele, com uma desenvoltura de lavadeira no rio, manuseando e batendo roupa, mas de olhar desviado e face castamente corada.

Expulsou-a, aos resmungos, com a promessa de que a chamava se precisasse e a garantia de que ficava bem, sem frio nem dores. Para lá da porta encostada, Gustavo foi ouvindo Marta a cirandar na cozinha, os passos no corredor, o troar do autoclismo e o baque da porta a fechar-se.

Dormia na cama rústica de Cláudio, de robusta cabeceira triangular, com uma abertura em forma de coração, sob uma coberta de retalhos já desbotada, de cores sabiamente descontraídas. Numa estante de ilhargas de metal, em que se alternavam armários com prateleiras, corria uma interminável colecção da Marvel, de lombadas ainda a brilhar de verniz, e encastelavam-se álbuns de Hergé, de capas amassadas pelo uso de gerações.

«Tenho um sobrinho chamado Cláudio, é um miúdo giro, vivaço», disse a Maria Alfreda, há muitos anos. «Queres que o traga aqui, um dia?»

«Sempre gostei de crianças, e as crianças ficam fascinadas por mim», respondeu ela. «Mas preferia que na nossa relação não houvesse mais rostos. Não me interessa conhecer a tua família.»

«Se eu morresse, aposto que nem ias ao meu funeral.»

«Que falta é que eu te faria no teu funeral?»

Gustavo considerou a cama entreaberta, a miudeza dos pequenos gestos dolorosos que tinha de cumprir para se meter entre lençóis e arrependeu-se de ter recusado a ajuda da irmã. Adiou o momento tenso de deitar, encostou-se ao parapeito da janela e espreitou o soturno encastelar de massas negras da floresta, que pareciam aguardar o momento distraído em que a débil luz de presença lhes desse campo. Eram retesas

sombras de ameaça cercando ao perto como entidades malignas a tentar os restos duma fogueira. Acendeu-se uma janela na casa do vizinho recém-chegado, fechou-se, iluminou-se outra. Os cães do povoado estavam agora silenciosos e o ruído dos ralos serrilhava metálico na noite.